

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GRAFOLOGIA CRÉPIEUX JAMIN**

# **GRAFOLOGIA**

## **CIÊNCIA SIM!**

**SIMONE CASADO**

Arquiteta e Urbanista

Salvador, Setembro, 2010

## RESUMO

Foram vários os ingredientes que estimularam a investigação dos primeiros observadores e analistas sobre o escrever. Tinham curiosidade, preparação e dotes de observação acima do comum.

Na antiguidade pensadores e filósofos, relacionavam o caráter humano com a escrita de maneira puramente intuitiva, sem nenhum fundamento científico.

O historiador romano Suetônio, na *“Vida dos Doze Césares”*, faz comentários expressivos sobre a letra de Octávio Augusto, Imperador de Roma. Buscava traçar seu perfil e personalidade.

Com o passar dos séculos surgiram cada vez mais contribuições concretas sobre a escrita como forma de conhecimento do homem. E o tema foi ganhando tons de ciência.

No século XVII foi publicado o primeiro livro de Camilo Baldo contendo todo o conhecimento sobre a escrita adquirido até aquele momento, tendo este ecoado nos séculos seguintes.

Vários estudiosos se interessaram pelo assunto.

Após 30 anos de investigação, Michon criou um método considerado, na época, completo para o estudo da escrita.

Crépieux Jamin deu seqüência aos estudos de Michon, reunindo 50 anos de investigação e lançando bases para um método mais crível do estudo da escrita.

Em 1871, surge a primeira Sociedade de Grafologia na França. O termo Grafologia é de autoria de Michon, porém é Crépieux-Jamin quem detém o título de *“Pai da Grafologia Moderna”*, pois, com ele, o rigor científico chega a esta disciplina e muitos grafólogos utilizam-se até hoje da classificação que ele deu à matéria.

Klages, outro estudioso da matéria, procurou um método que fizesse ponte com a psicanálise.

Moretti propôs um método bastante didático e com bastante sistematização e Pulver aplicou a escrita as concepções do subconsciente espacial, ligadas a teoria do inconsciente de Jung.

A investigação metódica sobre o ato de escrever, criou um processo de conhecimento e observação do ser humano e não simplesmente um conjunto de interpretações filosóficas com vistas em desvendar um mistério esotérico ou oculto.

Assim, o conhecimento obtido e testado através dos anos por tantos estudiosos e pesquisadores, deram à Grafologia a personalidade de Ciência.

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente, existem no Brasil algumas formas de utilização do método Grafológico que permitem o questionamento sobre a Grafologia como Ciência, classificando esta como Pseudociência e/ou Esoterismo.

A falta do verdadeiro conhecimento dos Métodos da Grafologia e interpretações, baseadas em idéias individuais e filosóficas, provoca dúvidas sobre o estudo da matéria como ciência, criando o paradigma da impossibilidade do uso da grafologia como ferramenta importante para identificação de onde nos situamos e o espaço que temos para crescer e evoluir como ser humano.

Este trabalho baseia-se na confirmação da Grafologia como ciência.

Vamos mostrar o caminho percorrido que tira da Grafologia a veste de mera arte de conhecer os homens pela escrita e que dá a ela o caráter de ciência, através de um conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo dos séculos.

## HISTÓRIA

Não há um registro exato de quando começou a escrita. O que sabemos é que ela descende diretamente do desenho e, como tal, teria evoluído até a escrita que existe hoje. As escritas atuais evoluíram sempre no sentido de uma maior simplificação e melhor compreensão dos símbolos.

Até hoje existem escritas em que a evolução para a simplificação foi muito lenta, como é o caso da escrita chinesa, onde é possível associar a forma de alguns caracteres aos símbolos que lhes deram origem.

As escrituras se iniciam com a necessidade que homem tem de se comunicar e organizar em sociedade. Como a arte, também é uma forma de expressão que atrai todo o tipo de investigação.

E é essa curiosidade que motiva os primeiros observadores e analistas a demonstrarem talento para traçar perfis e personalidades através da escrita do homem e suas particularidades.

O filósofo grego Demétrio de Falero (350 a.C – 280 a.C), dizia em Atenas: ***“A letra expressa a alma”***

Shakespeare (batizado 1564 – 1616) disse: ***“Dê-me a escrita de uma mulher e dizer-lhe-ei como ela é.”***

A primeira citação que pode ser encarada como uma citação grafológica data do século XV, que é quando se começa a dizer pela Europa: ***“Coloquemos os pontos sobre os is”***. Ou seja, surge claramente a necessidade de deixar as coisas claras e de apontar todos os detalhes importantes sobre um assunto, significando um tratado entre a escrita e a interpretação da escrita.

Na Antiguidade Clássica alguns pensadores tentaram apontar alguma ligação entre o ser

humano e a forma como ele se expressava pela escrita, porém tal teoria não deu frutos e a matéria não teve grandes avanços.

Já na Idade Média, a escrita, cada vez mais utilizada, foi perdendo seu caráter religioso e passou a ser utilizada por alguns eruditos. Porém, fazer dela um instrumento de conhecimento do homem ainda era uma utopia.

Com o Renascimento e a Contra-Reforma, a escrita sofreu um grande incremento. Seria de esperar que surgissem contribuições mais concretas sobre a escrita como forma de conhecimento do homem.

No início da história encontramos poucas referências a respeito de estudos sobre a Grafologia. São elas: o espanhol Juan Huarte San Juan em 1572 e, em 1610, o napolitano Próspero Aldorísio. Este último lhe deu o primeiro nome: **Idengrafia**.

No século XVII, mais precisamente em 1.622, publicou-se o primeiro trabalho da verdadeira Grafologia. A obra continha o conhecimento da Grafologia adquirido até aquele momento: *“Tratado sobre como, através de uma carta, chega-se ao conhecimento da natureza e das qualidades do autor”*, de Camillo Baldo (1550 - 1637) - médico e professor de filosofia.

A segunda obra de que se tem notícias é publicada na Itália, em 1650. Marco Aurélio Severiano (1580 1656), professor de anatomia e cirurgia, escreveu o livro *“Tratado de Adivinhação Epistolar”* que tratava de ligar a escrita à personalidade do indivíduo.

O filósofo Leibniz (1646-1716) defendeu também o princípio segundo o qual a escrita espontânea reflete o temperamento natural de cada ser humano.

Incentivado pelo escritor e pensador Goethe (1749 – 1832), o filósofo Johann Kaspar Lavater (1741-1801) preocupou-se com o estudo do caráter, analogias entre expressões de linguagem, a expressão da escrita e traços fisionômicos do ser humano.

Na sua obra, *“Physiognomische Fragmente”*, publicada em 1.755, Lavater incluiu um

pequeno capítulo sobre o assunto, afirmando que a escrita é o movimento mais variado e complexo produzido pelo homem. A obra de Lavater influenciou muitos outros investigadores, entre os quais Edouard Hocquart (1787-1870), autor da obra *“A Arte de julgar o caráter das pessoas após a sua escrita”*, publicada em 1812.

Em 1879 Albrecht Erlenmeyer, médico e diretor do hospital psiquiátrico, publica a obra: *“A escrita: caracteres principais de sua psicologia e de sua patologia”*, e aí também se promove a idéia de que a escrita é ciência.

Com a Revolução Francesa generalizaram as escolas das primeiras letras, onde cada vez mais pessoas podiam aprender a ler e a escrever. Torna-se cada vez maior a utilização da escrita na vida diária.

Na França de meados do século XIX, muitas pessoas se dedicavam ao estudo do tema. Por volta de 1830, existiria já uma escola para estudo e interpretação da escrita, dirigida por Flandrin (1809-1864).

Foi também um abade, Jean-Hippolyte Michon (1806-1881)- discípulo de Flandrin – que nos anos 70 do século XIX publica algumas obras sobre a matéria: *“Os Mistérios da Escrita”*, *“Arte de Julgar os Homens”* (este, baseado em seus autógrafos). Porém, sua principal obra foi publicada em 1875, *“Sistema da Grafologia”*. Michon, que deu à matéria o nome de GRAFOLOGIA, foi o fundador da atual “Sociedade Francesa de Grafologia” e também da revista *“A Grafologia”* em circulação até os dias de hoje, o que a torna a revista especializada mais antiga e mais lida no mundo.

Michon pode ser considerado o precursor da Grafologia, por ter sido o primeiro a publicar com sucesso um método tido como completo para o estudo da escrita. Método esse baseado em 30 anos de investigação e pesquisas.

Hoje em dia considerado um método insuficiente, as teorias de Michon baseavam-se em interpretações mais ou menos fixas de cada aspecto gráfico da escrita. Fato que não pressupunha a interação da grafia com aspecto dos caracteres da personalidade humana.

Jules Crépieux Jamin (1859-1940) - aluno e crítico de Michon - deu continuidade aos trabalhos do mentor, publicando em 1888 a importante obra *“A Escrita e o Caráter”*. Esta obra definiu as bases para um método mais plausível para o estudo da escrita, dando origem a escola francesa. No seu livro posterior, *“ABC da Grafologia”*, editado em 1929, ele reúne 50 anos de investigação e pesquisas sobre o tema classificando a escrita em gêneros e espécies.

Com Michon e Crépieux Jamin surgiu na França a escola dos sinais isolados.

Nesta mesma época, o médico Paul Carton (1875-1947) publicou em 1926, o livro *“Diagnóstico e Conduta dos Temperamentos”*. Através de suas pesquisas ele atualizou o Sistema da Tipologia de Temperamentos de Hipócrates (460-370 a . C), patrono da medicina.

O filósofo francês René Lê Senne (1882-1954) pesquisou diferentes combinações de temperamentos entre outros elementos criando, a tipologia.

Elisabeth Louise Koechlin (1888-1977), usando o pseudônimo de H. Saint Morand, publicou em 1943 o livro *“Equilíbrio e Desequilíbrio na Escrita”* desenvolvendo o gesto gráfico. Em 1937 publicava seu curso de grafologia quando em 1940, em Paris, as atividades de grafologia foram intensas formando uma geração de grafólogos, atuando até os seus 82 anos.

Na Alemanha, o caracterologista, filósofo e psicólogo Ludwing Klages (1872-1956) aplicou ao estudo da personalidade suas concepções, influenciadas pela filosofia de Bergson (1859-1941) procurando fazer a ponte entre a grafologia e a psicanálise. Mas seu método era bastante complexo e foi frequentemente criticado como sendo subjetivo e de difícil ensino. Ainda assim Klages foi a principal figura de uma nova corrente de investigação e lançou as bases da chamada escola alemã. Com Klages o estudo dos sinais e do todo finalmente se unem.

Na Itália surge outra importante escola, iniciada pelo padre Girolamo Moretti (1879-1963) homem de rara cultura e espírito científico. O método que propôs tinha a característica de ser bastante didático e de uma grande sistematização.

Em meados do século XX, o estudo da personalidade através da caligrafia era feito de acordo com o instinto de cada pesquisador. Além disso, o estudo da caligrafia humana era visto como uma arte sem grandes pretensões ou exigências profissionais e/éticas, criando oportunidades para que oportunistas e charlatões, descompromissados com a matéria, espalhassem seus diagnósticos errados e irresponsáveis, já que não tinham a base dos estudos realizados até então.

Até hoje, a falta de seriedade com que a matéria foi utilizada naqueles tempos, dão a impressão de que a Grafologia é apenas uma brincadeira, onde alguns curiosos exercitam uma arte esotérica, sem a percepção científica da análise mais profunda da escrita como parte da personalidade humana.

Pouca investigação séria foi realizada sobre a caligrafia nas primeiras décadas do século XX. O desafio tornou-se determinar se era ou não verdadeira a idéia de que a escrita refletia a personalidade de quem escrevia. A maioria das pessoas que investigaram o assunto eram, de alguma forma, ligadas a médicos e psicólogos que estavam interessados em saber se a disciplina poderia, no futuro, ser um método auxiliar de diagnóstico.

Alfred Binet (1857-1911) estudou direito, medicina e ciências naturais. Era célebre por ser o criador dos testes de inteligência. Publicou várias obras sobre o tema, todas elas apontando a possibilidade do estudo da escrita como forma de diagnóstico da personalidade, embora deixasse explícito o longo caminho que a disciplina precisaria percorrer para que pudesse vir a tornar-se ciência.

O professor da Faculdade de Medicina de Paris, Charles Richet (1850-1935), afirmava o seguinte:



***“O princípio é certamente verdadeiro, mas considero-me absolutamente incapaz de decidir de que forma e em que medida. Atualmente me parece que existe mais fantasia que ciência. Mas um dia virá, talvez em que ela se torne científica.”***

Em conferência dada por Klages na Sociedade Psicanalítica de Viena, em 25 de Outubro de 1911 a partir dos atos da sessão, intitulada “Psicologia da Escrita”, percebemos porque nunca a psicanálise aproveitou as possibilidades que o estudo da grafologia oferecia. Enquanto Klages dissertava sobre uma concepção de personalidade totalmente inovadora, Freud (1856-1939) e seus pares, rebatiam com teorias psicanalíticas que não eram coerentes com o discurso de Klages. Foi impossível estabelecer analogias entre os conceitos de cada sistema teórico, o que transformou o debate em um verdadeiro diálogo de surdos.

No final, Freud realçou a utilidade da Grafologia para determinados problemas psiquiátricos e assumiu sua importância nas áreas que estavam além dos trabalhos da psicanálise. Para ele, a Grafologia não era de grande importância, uma vez que a psicanálise procurava, antes de mais nada, fatos.

A aplicação do estudo da escrita, baseado em teorias da psicanálise surge na Psicologia Moderna. O psicólogo e grafólogo Max Pulver (1889-1952) deu um grande passo. Com palestras e publicações, em 1931, a sua principal obra publicada foi *“O Simbolismo da Escrita”*. Pulver se baseia em Klages.

Nesta obra, Pulver aplicou ao estudo da escrita as concepções do simbolismo espacial ligadas à teoria do inconsciente coletivo de Jung (1875 -1961). A obra de Pulver foi muito importante, não só para a grafologia como também para a concepção de muitos testes gráficos ainda utilizados pela psicologia.

Ania Teillard (1889-1978), psicanalista, colaboradora de Jung, publica sua principal obra em 1948. *“A Alma e a Escrita”* foi a primeira obra destinada a provar que a psicologia de Jung fundamentava a teorização já existente sobre o estudo da escrita de um ponto de vista psicológico.

Alfred Adler (1870-1937) foi um grande psiquiatra criador da corrente psicológica conhecida como “*Psicologia Individual*” introduzindo conceitos de complexo de inferioridade. Em toda sua vida ficou clara sua preocupação com os problemas sociais e teve sua contribuição na grafologia através de pesquisadores e estudiosos que contribuíram para a estruturação do método de análise.

Atualmente, Jean Claude Obry membro da Sociedade Francesa de Grafologia desde 1964 e no Brasil participou da constituição da SOBRAG em São Paulo (1980-1981), pesquisou em relação a psicossomática aplicada. Estudioso em várias áreas, contribui solidamente com um método para situar a Harmonia.

Também, grafólogos importantes como Jacqueline Peugeot, Suzanne Bresard e Jean Charles Gille Maisani, contribuíram ativamente para a validação dos princípios que os precursores tinham defendido como ciência, abrindo o caminho para inclusão progressiva do estudo da escrita no caminho moderno de investigação e compreensão do ser humano.

A partir de então a Grafologia passava a ter uma linguagem e, conseqüentemente, passa a ser utilizada como instrumento na elaboração de diagnósticos.

Muito lentamente, os estudiosos da caligrafia começaram a encarar a disciplina como uma técnica perseguindo o objetivo de sair do estatuto de mera arte de conhecer os homens pela escrita, para passar a ser trabalhada como disciplina científica autônoma.

## **O MÉTODO CIENTÍFICO**

O sistema científico faz com que qualquer pessoa chegue no mesmo resultado.

Através de pesquisas meticulosas Michon e Crépieux Jamin fundamentaram a classificação da escrita , permitindo um espaço de expansão para o desenvolvimento de um método de

avaliação que permite a investigação das características do comportamento psico, social e fisiológico do ser humano.

A partir dos signos da escrita a estruturação da análise vai valorizar a repetição em todos os sentidos da pesquisa.

### **SUMÁRIO PARA A CRIAÇÃO DO MÉTODO CIENTÍFICO**

- TEMPERAMENTOS - Hipócrates/ Paul Carton
- CARÁTER - Le Senne
- GÊNEROS, ESPÉCIES E HARMONIA - Crépieux Jamin
- NÍVEL DA FORMA/ HARMONIA - Klages
- SIMBOLISMO DO ESPAÇO - Pulver
- GESTO TIPO – Mme Sain Morand
- FUNÇÕES - Jung/ Ania Teillard
- COMPLEXO DE INFERIORIDADE – Alfred Adler
- HARMONIA - Jean Claude Obry

**CLASSIFICAÇÃO DA ESCRITA**

Ter te conhecido foi algo muito bom  
que aconteceu em minha vida, e ainda  
na momento certo.

Desculpe um pouco pelas brincadeiras, e  
um grande abraço e seja atencioso.

*Simone Casado*

**Dados do Escritor**

Masculino      40 anos      Administrador de Empresa

**Harmonia**

1 vista 12

Após análise 13

**ORDENANÇA** – Ordenada, Ventilada

**MARGENS** – Da Esquerda Normal, Alinhada, Da Direita Regular, Superior Pequena, Inferior Pequena

**INCLINAÇÃO** – Inclinação a direita

**DIREÇÃO** – Horizontal, Progressiva

DIMENSÃO – Sóbria

FORMA – Aberta, Clara

Também fazem parte do Documento de Avaliação Científica

CARÁTER , TEMPERAMENTO, ALAVANCAS DE ENERGIA, COMPLEXOS DE INFERIORIDADE,  
SINAIS HIPOVITAIS, SINAIS HIPERVITAIS, LIBIDO, FUNÇÕES, FORÇA DE VONTADE, ALFABETO,  
ASSINATURA,

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Grafologia é ciência!

Ser Grafólogo é ser cientista; é estar constantemente pesquisando, estudando, investigando, observando.

Há séculos que esta investigação é feita por médicos de várias especialidades, por filósofos, poetas e observadores da natureza humana. Conforme percebemos dentro da história são séculos de observação e busca do ser humano dentro da escrita.

Como Grafólogos profissionais, o papel neste momento é de honrar o trabalho que foi feito, continuar a pesquisa e somar com novas percepções, entendimentos e conceitos.

Fazer uma análise mental não ajuda a perceber o espaço que as pessoas têm.

A análise mental pode cada vez mais trancar a pessoa em um espaço reduzido de julgamentos e condenações que às vezes ela mesma já o faz.

Para ser grafólogo é necessário ter responsabilidade, técnica, conhecimento e sentimento, pois quando visitamos a alma do outro, percebemos que, na verdade, somos espelho em nossa própria alma.

Grafologia não é ciência esotérica. Ser Grafólogo não é ser místico ou aventureiro.

Não fazemos análises baseadas em mistérios e não emitimos laudos filosóficos baseados em juízo de valores.

Nunca uma escrita é igual a outra. Nunca o mesmo signo é igual ao outro, até mesmo dentro da mesma escrita.

Padronizar a grafologia pelos símbolos existentes significa bloquear um processo de mutação constante.

Experimentar a grafia do outro, pesquisar os julgamentos, os paradigmas que temos com relação ao outro, e/ou observar e brincar com sua própria grafia, significa continuar a pesquisa buscando a abertura do espaço a ser atingido.

A escrita não é só pensar! Ela é sentir; e quando sentimos, estamos em comunhão com o nosso melhor, com a alma.

A escrita é a impressão da sua alma! E a Grafologia é a tradução desta impressão.

Não significa que para traduzir devemos utilizar idéias filosóficas ou mágicas. A metodologia serve para que o diagnóstico seja preciso e sem interpretações subjetivas.

Ser técnico e científico é pedir permissão para abrir espaço e permitir a manifestação do melhor de cada um.

Na Grafologia somos capazes de ler o potencial do escritor e também suas travas, como a

pessoa gostaria de ser, o que ela é ou o que ela acha que as acham de si. A Grafologia apresenta o temperamento, o caráter e a evolução do ser humano

O estudo da Grafologia, não só me dá ferramentas para enxergar o outro de forma consciente e dinâmica, mas me oferece elementos para me conhecer em minhas inimagináveis limitações sensoriais, na percepção do que sou, de quem sou, através da essência da alma de quem se revela sem mistérios, através de uma ciência em constante transformação para capturar os anseios humanos mais secretos.

#### **BIBLIOGRAFIA**

**JAMIN, J. Crépieux.** In: *ABC da Grafologia: Ediciones Ariel. Barcelona: 1957*

**KLAGES, Ludwing.** In: *Escritura e Caráter: Editorial Paidós. Buenos Aires.*

**OBRY, J. Claude.** In: *Apostilas 1, 2, 3, 4, 5 e 6: Salvador: 2005, 2006 e 2007*

**LUGINGER, S. Amorim.** In: *Aspectos Psicológicos da Grafologia: Trabalho de Licenciatura: Universidade Lusíada. Portugal: 2005*

#### **BIBLIOGRAFIA ELETRÔNICA**

<http://www.serviciosgrafologia.com/historiafrm.html>

<http://www.queirozportela.com/psicologiaescrita/historia.htm>

<http://www.portalsaofrancisco.com.br//alfaesoterismo-grafologia/>